



A matéria, por consciência do lugar, dilui-se na natureza e, pela sua forma e materialidade, adapta-se ao parque da Praça da Galiza. De **aparência leve**, desenha-se um **pavilhão contínuo**, pontuado por pátios que criam momentos de tensão e que pela sua flexibilidade, funcionam como espaços de permanência ou de percurso. Quase como numa pauta musical, encontra-se a harmonia alternando entre o som e o silêncio- os cheios e os vazios.

Não tenta ser aquilo que não é -construído pelo Homem, procura capturar o instante da natureza, na diluição do espaço e do tempo, procurando o **reflexo** no metálico e na água. É, assumidamente, uma peça excecional na malha da cidade, que pretende gerar interesse e movimentação, que faça revitalizar esta zona como espaço de estar de eleição. Reconhece-se a importância de preservar e valorizar um **espaço verde** dentro do caos da metrópole e, cria-se assim, uma **floresta de pilares** delgados, que pela sua disposição aparentemente arbitrária, traz o bosque para a cidade.

Uma alegoria, que pretende usar a experiência do usuário como lição de projeto. Mantém-se a **lógica do percurso**, que pode assumir vários trajetos, uns mais longos e outros mais expeditos, consoante o interesse de quem por lá passa. Retoma-se uma das ideias pré-existentes do espaço e pensa-se a **água** como elemento essencial para valorizar o parque. A circunferência é repetida ao longo do projeto, procurando encarnar várias expressões do habitar -**pátios com passadiços** de deambulação, uma **área polivalente** ou uma **cafetaria** que pode ser usada durante a totalidade do ano, de modo a procurar novas situações de permanência. Nos limites, existem entradas simbólicas, circunferências de desenho incompleto e aparentemente sem funcionalidade, que assinalam os pontos de transição com a rua.

